

FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA

# ANTÔNIO SILVINO

VIDA, CRIMES E JULGAMENTO



FE374

**COLEÇÃO LUZEIRO**

**FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA**

**ANTONIO SILVINO**  
**VIDA, CRIMES E JULGAMENTO**

Direção de  
**ARLINDO PINTO DE SOUZA**

Texto revisto e classificado por  
**HÉLIO CAVENAGHI**

Capa  
**GLEN**

1975



**LUZEIRO EDITORA LIMITADA**  
RUA JOÃO BOEMER, 528 — FONE: 93-8559  
CGC 43.826.643/0001 - 03018 - SÃO PAULO

## FICHA

NOME — ANTÔNIO SILVINO — VIDA, CRIMES E JULGAMENTO  
(Acompanha, em apêndice, MEU JULGAMENTO)

TEMA — Cangaço

AUTOR — Francisco das Chagas Batista

LOCAL — Sem indicação — DATA — Sem indicação

ESTROFES — 370 de seis versos de sete sílabas (sextilhas). O apêndice apresenta 24 estrofes de igual construção.

ESQUEMA DE RIMAS — x a x a x a

OBSERVAÇÃO: As letras repetidas indicam os versos que rimam entre si. Indicam-se com "X" os versos, que não rimam com nenhum outro.

FINAL — Estrofe normal.

BIOGRAFIA DO AUTOR — FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA nasceu no Município de Teixeira, Estado da Paraíba, aos 5 de maio de 1882, sendo filho de Luis da França e de Cosma Felismina Batista. Em 1900, mudou-se para a cidade de Campina Grande, onde trabalhou carregando água e lenha, e foi operário da Estrada de Ferro de Alagoa Grande. Começou a escrever suas histórias rimadas em 1902. Em 1909, casou-se com Hugolina Nunes da Costa, filha de seu tio materno, o cantador Hugolino Nunes da Costa. Morou em Guarabira e depois na Capital do Estado da Paraíba, onde se fixou, estabelecendo-se com a livraria Popular Editora (na rua Barão de Triunfo), que existiu até 1932. Foi autor de inúmeros folhetos rimados e fez coletâneas de poetas populares (A LIRA DO POETA, POESIAS ESCOLHIDAS e CANTADORES E POETAS POPULARES). Faleceu aos 26 de janeiro de 1930, em João Pessoa.

Considera-se sua melhor obra "ANTÔNIO SILVINO — VIDA, CRIMES e JULGAMENTO".

O nome literatura de cordel provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao cordel ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados, em exposição. No Nordeste brasileiro, mantiveram-se o costume e o nome, e os folhetos são expostos à venda pendurados e presos por pregadores de roupa, em barbantes esticados entre duas estacas, fixadas em caixotes.

## ANTÔNIO SILVINO

### Vida, Crimes e Julgamento

Leitor, em versos rimados  
Vou minha história contar,  
Os crimes que pratiquei  
Venho agora confessar.  
Jurando que da verdade  
Jamais me hei de afastar.

Pedro Batista de Almeida  
E Balbina de Moraes,  
Casados catolicamente,  
Foram meus legítimos pais,  
Nascidos em Pernambuco  
E do Pajeú naturais.

Nas margens do Pajeú  
No distrito de Ingazeira,  
Junto à Serra da Colônia  
Vi o sol a vez primeira;  
Ao nascer trouxe nas veias  
Sangue da raça guerreira.

Nasci em setenta e cinco,  
Num ano de inverno forte,  
No dia dois de novembro,  
Aniversário da morte;  
Por isso o cruel destino  
Deu-me de bandido a sorte.

Meu avô foi muito rico  
E meu pai foi abastado,  
Mas não me mandou educar,  
Porque onde eu fui criado  
O povo não aprecia  
O homem civilizado.

Ali se aprecia muito  
Um cantador, um vaqueiro,  
Um amansador de potro  
Que seja bem caatingueiro,  
Um homem que mata onça  
Ou então um cangaceiro.

Meu pai fez diversas mortes,  
Porém não era bandido;  
Matava em defesa própria  
Quando se via agredido,  
Pois nunca guardou desfeita,  
Morreu por ser atrevido.

Enquanto eu era pequeno  
Aprendi a trabalhar,  
Chegando aos 14 anos  
Dediquei-me a vaquejar.  
Abracei aos vinte anos  
A profissão de matar.

No ano noventa e seis  
 Meu pai foi assassinado  
 Pela família dos Ramos,  
 Já sendo nosso intrigado,  
 Um deles, o José Ramos,  
 Que era subdelegado.

Para punir esse crime  
 Ninguém se apresentou;  
 A Justiça do lugar  
 Também não se interessou;  
 Aos bandidos a polícia  
 Pareceu que auxiliou...

E eu, que vi a Justiça  
 Mostrar-se de fora à parte,  
 Murmurei com meus botões:  
 — Também eu hei de arrumar-  
 [-te!

Não quero código melhor  
 Do que seja o bacamarte.

Eu chamei pela Justiça,  
 Esta não quis me escutar,  
 Vali-me do bacamarte,  
 Que me veio auxiliar.  
 Nele achei todas as penas  
 Que um código pode encerrar!

No bacamarte eu achei  
 Leis que decidem questão,  
 Que fazem melhor processo  
 Do que qualquer escrivão,  
 As balas eram os soldados  
 Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era reta  
 Para qualquer criatura,  
 Sempre prendi os meus réus  
 Em casa muito segura:  
 Pois nunca se viu ninguém  
 Fugir duma sepultura!

No dia cinco de junho  
 Do ano noventa e três,  
 Fiz eu as primeiras mortes  
 Matando dois de uma vez!  
 Manuel Ramos Cabeceira  
 E um tal João Rosa de Arez.

Depois que fiz essas mortes,  
 Fiquei desacomodado,  
 Começaram a perseguir-me.  
 De Ingazeira o delegado,  
 Um tal de Francisco Brás,  
 Matei-o, fiquei vingado.

Então a família Ramos  
 Fugiu para Imaculada,  
 Onde por Delmiro Dantas  
 Foi protegida e guardada,  
 Nunca mais peguei um deles  
 Nem mesmo numa emboscada.

Desde esse tempo que vivo  
 Sofrendo perseguição,  
 Mas com minha atividade  
 Sempre evitei a prisão,  
 Vendendo-me, assim, obrigado  
 A fazer-me valentão!

No ano noventa e sete,  
 Um meu parente e amigo,  
 O velho Silvino Aires,  
 Dissera-me: — Vem comigo  
 Ao Teixeira, que eu preciso  
 Vingiar-me de um inimigo.

De noventa e sete, em junho,  
 Nós cercamos o Teixeira.  
 O delegado Dantinho  
 Deu uma boa carreira,  
 Foi isso que o livrou  
 De uma surra ligeira...

Porque meu tio Silvino  
 Desejava castigar  
 Esse delegado afoito  
 Que um dia mandou cercar  
 Sua fazenda, e os móveis  
 De casa mandou quebrar.

Quando nos desenganamos,  
 De não pegar o Dantinho,  
 Voltamos prá o Pajeú,  
 Prá lugar que nos convinha;  
 Dali fomos prá Campina,  
 Onde uns parentes eu tinha.

Fomos à vila do Ingá  
Com o Prisco, nosso amigo,  
Esse encontrou na estrada  
"Marcela", um seu inimigo,  
Que foi logo assassinado  
Por não fugir do perigo.

Pouco depois desse crime,  
Meu tio e Cheme voltou  
Para o Pajeú de Flores,  
Onde a polícia o pegou.  
Nosso grupo reuniu-se  
E seu chefe me aclamou.

Ao ver-me chefe do grupo,  
Meu nome próprio mudei;  
Então por Manuel Batista  
Nunca mais eu me assinei,  
E foi de Antônio Silvino  
O nome que eu adotei.

A justiça do Ingá  
Processou-me, mas voltei  
A essa vila, e o Paço  
Municipal assaltei,  
E os processos que havia  
Ali, os incendiei.

Em abril de noventa e nove  
Em Canhotinho abracei  
A profissão de marchante.  
Depois, então assentei  
Praça no quartel local  
E três meses políciei.

Com duas horas de luta,  
Resolvi me retirar,  
E disse ao José Augusto:  
— Agora vou me ausentar,  
Prometo-lhe em pouco tempo  
Com o senhor me avistar.

Dias depois, em Matinhas,  
Com o mesmo me encontrei;  
Tinha ele quinze praças  
Com as quais, então lutei!  
Ele prendeu-me um cabra  
E um soldado baleei.

Bem perto de Gravatá  
De Bezerros, fui cercado  
Por um senhor João Gonçalves,  
Que era subdelegado;  
Desse cerco eu me evadi  
Com um braço baleado.

Nessa luta sangüinária,  
Dois capangas eu perdi,  
Os outros me abandonaram...  
Quando sozinho eu me vi,  
Prá não cair na esparrela,  
Sem perder tempo, fugi...

Em abril de novecentos,  
Eu em Cabaças estava  
E o capitão Zé Augusto,  
Que em minha pista andava,  
Cercou-me com trinta praças  
Quando eu menos esperava..

Dentro de um engenho velho,  
Fiz uma trincheira forte,  
De onde atirei cinco horas...  
Não houve nenhuma morte!  
Dali fugi com os meus  
E procurei outro norte.

Estava eu na guarda local,  
Quando um doutor me chamou  
E me disse: — Amigo Antônio,  
Minha esposa me deixou  
E, se você for buscá-la,  
Seis contos de réis lhe dou.

Está em Santa Filonila  
A mulher a quem procuro,  
Na usina de Santos Dias.  
Traga-me, que eu asseguro:  
Terá seis contos de réis;  
Isto eu lhe garanto e juro.

Fui com meu primo Argemiro  
E um grupo que lá juntamos,  
Cercar a usina citada;  
Porém, quando lá chegamos,  
Nem o major nem a filha  
Em sua casa encontramos.

Uma mocinha da casa,  
Talvez por ser imprudente,  
Passou em frente a meu rifle  
Que a feriu inconsciente...  
Lamentei a morte dela,  
Por ter morrido inocente.

O capitão Zé Augusto  
Em Fagundes me cercou,  
Com uma tropa que em mim  
Duas horas atirou;  
Prendeu um dos meu capangas  
E dois de bala matou.

Nesse combate matei  
De Zé Augusto um soldado,  
Deixei um sem orelha,  
Um com o olho furado,  
Um de cabeça rachada,  
E outro com um pé trilhado.

Durou mais de meio dia  
Esse combate sangrento.  
Ao faltar-me munição,  
Deixei o acampamento  
E fiquei de fora olhando  
Do combate o movimento.

Estando eu fora do cerco,  
Dei ainda um tiro, que sinto  
Ter ele alvejado apenas  
O alferes Paulino Pinto;  
Ao Angelim não matei  
Porque não vi o distinto.

No tiroteio, os soldados  
Seis cangaceiros mataram  
E pegaram nove à mão  
Que, também, assassinaram.  
Como se sangra animais,  
Eles aos homens sangraram!

Os que puderam fugir,  
Desembestaram a correr.  
Dizendo: — O diabo é que  
[espera

Para sangrado morrer!  
Cada qual mais precavido  
Procurava se esconder.

O sargento José Lopes,  
Vendo o alferes baleado,  
Ordenou sangrassem os presos,  
Obecendo-o um soldado.  
Não o matei porque o rifle  
Estava descarregado.

Vi matarem todos: nove,  
De um a um, por escala.  
Mataram todos à faca,  
Não quiseram estragar bala,  
Somente Antônio Francisco  
Morreu sem perder a fala!

Em junho do mesmo ano,  
Eu estava no Surrão  
Com cinquenta companheiros;  
Tinha muita munição  
E gente para brigar  
Até com um batalhão.

Estávamos todos juntos  
Na casa do José Gato,  
Apenas o Rio Preto  
Estava doente no mato,  
José matou uma rês  
Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,  
Estávamos bem acalmados,  
Quanto inesperadamente  
Por cento e vinte soldados  
Eu e meus companheiros  
Nos vimos todos cercados!

Eram dois os comandantes  
Desse reforço inteiro:  
Alferes Paulino Pinto  
(Da Paraíba o primeiro)  
E o capitão Angelim,  
(De Pernambuco) um guerreiro.

Era uma luta medonha,  
Todo esse povo atirando!  
As balas perto de mim  
Passavam no ar silvando;  
O tiroteio imitava  
Um tabocal se queimando!

A polícia entrincheirou-se  
Dum riacho na barreira,  
Donde nos fazia fogo;  
Era uma boa trincheira:  
Se eu não fosse cuidadoso,  
A tropa não voltava inteira.

Em novecentos e dois,  
Pelo Ingá ia passando,  
Quando encontrei um enxerido  
Que andava denunciando  
De mim e meus companheiros:  
Sem mais nada o fui matando.

A quinze de fevereiro  
De mil novecentos e três,  
Em Filgueiras, Pernambuco,  
Vi pela primeira vez  
A um meu perseguidor;  
Matei-o com rapidez!

Esse meu perseguidor  
Era um subdelegado,  
Francisco Antônio Cabral.  
Sendo homem precipitado,  
Vivia me perseguindo,  
Mas dele estou descansado.

Matei Marcos dos Pinhões  
No mesmo ano, não estou  
Lembrado agora em que mês:  
Ele a mim denunciou,  
Por isso tirei-lhe a vida  
Que pouco, aliás, me custou!

Em Aroeiras matei  
Um bombeiro de primeira:  
Fra um tal de Severino  
Que servia de "chaleira".  
Fez uma vez a polícia  
Dar-me uma boa carreira!

Em novecentos e quatro,  
Eu no Mogeiro me achava,  
O ex-sargento Manuel Paz  
Nessa ocasião passava;  
Fiz a ele o que ele a mim  
Há muito fazer tentava.

Esse tal Manuel da Paz,  
No tempo em que era soldado,  
Emboscou-me muitas vezes,  
Fez-me andar bem assustado,  
Porém eu com um tiro só  
Matei-o e fiquei vingado.

Fugi do Surrão. No Estado  
De Pernambuco encontrei  
A um dos meus intrigados,  
A quem eu não perdoei.  
Era Sebastião Correia:  
Este com um tiro o matei.

Na Fazenda de Pedreiras,  
Distrito de Caicó,  
Estado do Rio Grande,  
Eu quase que fico só!  
Lá eu me vi apertado  
Qual moleque no cipó...

O Tenente Tolentino  
Nossa fazenda cercou  
Com uma força de polícia  
Que, peito a peito, atacou!  
Nós trocamos muitas balas  
Mas ele não me acertou.

Logo com o primeiro tiro  
Dois sargentos derrubei,  
Com uma bala certa  
Ambos de uma vez matei!  
Depois de dar outros tiros,  
Fora do cerco pulei.

Dessa vez o Tolentino  
Matou-me seis cangaceiros,  
Dentre eles um menino,  
Que era dos meus companheiros  
O que tinha mais coragem,  
Seus tiros eram certos.

Tolentino perseguiu-me,  
Porém eu pude fugir  
Para o Estado do Ceará,  
Onde pude residir  
Alguns meses, sem ninguém  
Onde eu estava, descobrir.

Em outubro do mesmo ano,  
Fui dos meus acompanhado  
Para a Vila do Pilar.  
Lá estava encarcerado,  
Um amigo, e prá soltá-lo  
Fui em traje de soldado.

Quando cheguei ao Pilar,  
Do quartel me apossei;  
Da munição dos soldados  
Também me apoderei;  
E as chaves da cadeia  
Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos  
E amarrei os soldados  
Que encontrei no lugar,  
Deixando-os encarcerados;  
Como eles não se opuseram,  
Não fiz mal aos desgraçados.

Com os soldados na cadeia  
Deixei também o carcereiro.  
Dirigi-me ao delegado,  
Que me deu algum dinheiro.  
Procurou logo imitá-lo  
Um distinto cavalheiro.

Quando sai do Pilar  
Para o Ceará subi.  
E no Cariri de novo,  
Alguns meses residi,  
Senti que me perseguiram,  
Sem perder tempo fugi...

Com destino a Pernambuco,  
Do Ceará regresssei;  
De volta, no Município  
De Piancó eu passei,  
E na povoação de Bonito  
Numa casa me hospedei.

De ofender os moradores  
Eu não levava intenção,  
Mesmo eu não tinha intrigados  
Naquela povoação,  
Mas nada disto livrou-me  
De uma grande traição.

Juntou o subdelegado  
Alguns homens no lugar  
Moradores, e com eles  
Quis dest'arte me cercar;  
Ele estava preparado  
Para a vida me tirar.

E quando eles me cercaram,  
Eu não ousei resistir,  
Porque uma bala certa  
Veio a meu rifle partir;  
E eu, vendo-me desarmado,  
Tratei logo de fugir.

Em novecentos e cinco.  
Eu meti-me em questão feia:  
A pedido de um amigo,  
Dei uma surra de peia  
Em um sobrinho legítimo  
Do Sr. José Gouveia!

Então o José Gouveia,  
Julgando-se desfeitoado,  
Dissera que me matava  
Para o rapaz ser vingado,  
Porque nunca um seu parente  
Tinha de peia apanhado.

Ele não quis perder tempo:  
Logo que pensou assim,  
Foi-se valer da polícia  
Para perseguir a mim,  
Declarando a todo o mundo  
Que havia de me dar fim.

Dirigiu-se à Capital  
Da Paraíba; lá então  
O presidente do Estado  
Nomeou-o capitão  
De polícia, e deu-lhe ordem  
Prá minha perseguição.

Foi também ao Recife  
E a mesma ordem recebeu.  
Lá o chefe de polícia  
Soldados lhe ofereceu,  
Passou-lhe uma carta branca  
E armamento lhe deu.

Disseram que ele vinha  
E eu fui então tocaia-lo;  
Perto de Caruaru  
Eu resolvi esperá-lo,  
Porém um grande acidente  
Privou-me de encontrá-lo.

Eram dezoito do mês  
De dezembro. Eu tinha ido  
Esperar o Zé Gouveia,  
Mas, não estando prevenido,  
Fui feirar em Trapiá,  
Pois queria estar munido.

Eu não fui a Trapiá  
Matar ninguém nem ferir,  
Fui só comprar munição  
Prá melhor me prevenir,  
Julgando que lá ninguém  
Me havia de perseguir.

Estava eu dentro da feira,  
Quando um homem  
[perguntou-me:  
— Você é Antônio Silvino?  
E de repente atirou-me!  
Nesse mesmo instante um negro  
Outro tiro disparou-me.

Os tiros não me feriram  
Nem me fizeram pavor.  
Eu, na fumaça da pólvora,  
Gritei ao atirador,  
Que era Antônio Nicácio,  
Celeberrimo inspetor!

— Bandido, segura o tiro,  
Não faz coisas de menino!  
Repara que estás pegado  
É com Antônio Silvino!  
Vamos ver no ferro frio  
Se dás parte de mofino.

Proferi estas palavras  
Já com o meu punhal na mão  
E lancei-me ao inspetor  
Veloz como um furacão:  
Dei-lhe a primeira facada,  
Abaixo do coração.

Ele pulou para trás  
Com a ligeireza do gato  
E gritou: — Estou ferido!  
Quando vi do sangue o jato,  
Gritei-lhe: — Cuide na vida,  
Porque eu agora o mato!

Travamos renhida luta,  
Então com poucos momentos  
Eu fiz-lhe com meu punhal  
Outros grandes ferimentos;  
Ouvi-lhe dizer: — Morri,  
Sem vencer os meus intentos!

Nisso senti por detrás  
Uma terrível pancada;  
Eu fiquei tonto e tombei  
Por cima da calçada,  
Ergui-me no mesmo instante,  
Tendo a cabeça rachada.

Foi o negro que atirou-me  
E que me deu a traição  
Com o rifle, que disparou,  
Essa pancada, e então  
Desembestou a correr,  
Ligeiro que só um cão.

Recobrei logo os sentidos  
E o traidor procurei,  
Porém não pude encontrá-lo,  
Quase possesso fiquei!  
Nisso meus cabras chegaram  
E eu fazer fogo mandei.

— Atirem nesses diabos!  
Eu gritei à cabroeira;  
Em menos de dez minutos  
Estava acabada a feira.  
O povo tinha corrido  
E ganhei a capoeira...

E depois que todo o povo  
Tinha desaparecido,  
Uns no mato, outros nas casas,  
Estava tudo escondido,  
Encontrou-se um homem morto  
E um cavalo ferido.

Todas as portas da rua  
Num momento se fecharam.  
Uns noivos que lá estavam  
Ninguém sabe onde esbarraram,  
Num beco um menino morto  
Depois os cabras acharam.

Depois de tudo acabado,  
Resolvi me retirar.  
A rua estava deserta,  
Não tinha com quem brigar;  
Pelo capitão Gouveia  
Decidi não procurar.

Então, com os meus  
[companheiros,  
A Paraíba voltei;  
No distrito de Campina  
Um inimigo encontrei,  
A tiros e a punhaladas  
A ele eu assassinei.

Manuel Rodrigues Torres  
Chamava-se esse senhor,  
Que era meu inimigo  
E também perseguidor;  
Fiz a ele o que farei  
A quem me for traidor.

Em novecentos e seis,  
A vinte e seis de janeiro,  
Estava eu nos Tatus  
Com o meu grupo inteiro,  
Quando ao capitão Gouveia,  
Dei o combate primeiro.

Gouveia ao cercar-me disse:  
— Silvino, segura o tiro!  
Respondi-lhe: — Seu Gouveia,  
Você hoje perde o giro,  
Pois se não matar-me eu o

[mato,  
E, se ferir-me, eu o firo!

Travamos um tiroteio  
Que durou quase uma hora.  
Então, Gouveia bradava:  
— Antônio Silvino, agora  
Ou você se entrega ou morre,  
Ou esmorece ou vai embora!

Respondi-lhe: — Não me  
[entrego,  
Nem morro, nem esmoreço,  
É certo que vou embora,  
Para outra vez me ofereço;  
Lembre-se sempre de mim,  
Que de você não me esqueço.

Dito isto, os cabras dele  
De mim se aproximaram,  
Eu dei a última descarga  
É ouvi dizer: — Me mataram!!!  
E outro gritar: — Me acudam,  
Que os cabras me balearam!

Receei que a munição  
Fosse logo acabar,  
E disse aos meus companheiros:  
— Devemo-nos retirar;  
Desintegramos a tropa,  
Não temos quem esperar.

No Estado do Paraíba,  
Com um correio me encontrei.  
Das malas que ele trazia  
Eu logo me apoderei.  
Então tomei testemunhas  
E as malas todas queimei.

E dei ao correio as coisas  
Que a ele pertenciam;  
Queimei as malas porque  
Julguei que elas traziam  
Dinheiro ou instruções  
Para os que me perseguiam.

E depois que eu tomei  
As malas desse correio,  
O governo entendeu  
Que esse era um ato feio;  
E então em minha pista  
Uma grande escolta veio.

A companhia inglesa,  
Em construção de uma linha  
Atravessou uma terra  
De propriedade minha.  
Prourei para dizer-lhe  
Que isso não me convinha.

Foi a sete de setembro,  
De' novecentos e seis.  
Ao povoado Mogeiro,  
Destinei-me dessa vez,  
A cortar o fio aéreo  
E pegar algum inglês.

O fio do telegrama  
Logo ao chegar eu cortei  
E uma pilha de madeira  
Na linha férrea eu dei;  
Foi graças a essa astúcia  
Que um trem de lastro esbarrei.

Ao senhor Chico de Sá,  
Que era um dos passageiros,  
Dirigi-me, por saber  
Ser ele dos empreiteiros,  
E ele me deu cem mil réis  
Prá mim e meus companheiros.

Eu disse ao Chico de Sá:  
— Eu venho aqui lhe avisar  
Que esta terra me pertence  
E prá o trem nela passar  
É preciso a companhia  
Primeiro me indenizar.

São trinta contos de réis  
Que a mim terá que pagar  
A companhia inglesa:  
Do contrário hei de arrancar  
Os trilhos, e por aqui  
O trem não há de passar!

Então o Chico de Sá  
Prometeu-me que daria  
O meu recado aos ingleses,  
Gerentes da companhia,  
Para que eles mandassem  
A exigida quantia.

Ao governo federal  
A companhia inglesa  
Mandou pedir garantia;  
Ele, com toda presteza,  
Mandou vir um contingente  
Da companhia em defesa.

Do batalhão Vinte e Sete,  
Noventa e quatro soldados  
Vieram em meu alcance,  
Sendo estes comandados  
Por quatro oficiais,  
Homens já experimentados.

Do segundo batalhão,  
Quarenta praças valentes  
Vieram me perseguir,  
Guiados por dois tenentes;  
Na cidade de Campina  
Juntaram-se os contingentes.

Então o capitão Formel  
Dividiu em diligências  
As forças que comandava,  
Tomando mil providências,  
Garantindo não falharem  
As suas experiências.

Resolvi deixar o plano  
De embarçar a linha  
De ferro, porque essa força  
Disposta a matar-me vinha;  
Então a vinte de novembro  
Entreí em Alagoinha.

Na vila de Alagoinha,  
No momento em que cheguei,  
A todos negociantes  
Sem demora coletei;  
Procurador do Governo  
Desde então me intitulei.

No dia dois de dezembro  
Do ano já referido,  
Entreí na Alagoa-Nova,  
Sendo ali bem acolhido;  
Coletei todo o comércio  
E em tudo fui atendido.

No quartel policial,  
No momento em que eu entrei  
Dentro da Alagoa-Nova  
E ao telégrafo cerquei,  
Dos soldados que lá havia  
Até a roupa tomei!

Recebi todos os impostos,  
Fiz muito bom apurado  
E depois telegrafei  
Ao presidente do Estado,  
Dizendo-lhe que ao comércio  
Eu já havia coletado.

Em seguida retirei-me,  
Logo que fiz a cobrança,  
Contra mim ninguém se opôs,  
(Nunca vi gente tão mansa!)  
E entrei no dia seguinte  
No povoado Esperança.

No povoado Esperança  
Dois macacos eu preendi,  
Como eles não se opusessem  
Soltei-os, não os ofendi;  
Então dos negociantes  
Os impostos recebi.

De Esperança dirigi-me  
A vila de Soledade,  
Aí, de José do Couto,  
Com quem tinha inimizade,  
Cerquei a casa, mas este  
Fugiu, com sagacidade!

Na Vila de Soledade  
Recebi pouco dinheiro,  
Fugi dali e no distrito  
De Caruaru, em janeiro.  
De novecentos e sete,  
Persegui um fazendeiro.

Coronel Manuel Emídio,  
Que era sub-prefeito,  
E o dono da fazenda  
Que eu cerquei sem proveito,  
Por não encontrá-lo em casa.  
Porém fiz tudo a meu jeito.

Logo ao chegar na fazenda,  
Alguns animais matei,  
E os dois paiois de algodão  
Em seguida incendiei.  
Então pelo coronel  
Emídio não esperei.

Perto de Taquaritinga,  
Num pequeno povoado  
A que chamam Salgadinho,  
No mês acima falado  
Entreí, e logo o comércio  
Fui deixando coletado.

E no dia vinte e seis  
Do mesmo mês de janeiro,  
A barra de S. Miguel  
Fui com meu grupo inteiro.  
Ali uma boa surra  
Eu dei num alcoviteiro.

Quatro praças que lá estavam  
Em ceroulas os deixei;  
Então da mesa de rendas  
Eu logo me apoderei;  
O dinheiro que lá havia  
Para o meu bolso passei.

Incendiei os papéis  
Todos da arrecadação,  
Deixei nus os empregados,  
Conduzi a munição  
Dos soldados e os deixei  
Sem farda, "comblaim" e facão.

Em o lugar Serra Verde,  
Município de Umbuzeiro,  
Eu encontrei dois "macacos"  
A oito de fevereiro,  
Com dois tiros lhes provei  
Que sou muito escopeteiro.

A vinte e oito do mês  
De fevereiro eu voltei  
Para a Vila do Pilar;  
Ali o quartel cerquei  
E então preendi os soldados  
E as armas lhes tomei.

Fui ver depois a prisão  
E soltei cinco coitados  
Que nessa imunda cadeia  
Estavam encarcerados,  
E alguns desses já prenderam  
Por serem bem descuidados.

Depois de soltar os presos,  
Tomei a direção  
Da casa de residência  
Do doutor Napoleão,  
Porém não o achei em casa  
Nessa má ocasião.

Da mulher do comendador  
A senhora D. Inês,  
Pude tomar quase à força  
Seis magros contos de réis  
E se em casa houvesse mais  
Eu tomava dessa vez.

Então dirigi-me à loja  
Do mesmo Napoleão,  
Lá quatro contos de réis  
Na gaveta do balcão  
Encontrei, e vi que a mim  
Tocava aquele quinhão...

A municipalidade  
Pertencia esse dinheiro,  
Porém eu que do governo  
Sou o principal herdeiro,  
Apossei-me desse cobre  
E em guardá-lo fui ligeiro!

Quando da loja sai  
Eu fui à coletoria,  
Ali deu-me o coletor  
O cobre que em cofre havia.  
Sendo este do governo,  
A mim também pertencia.

Visitei todo o comércio,  
Fiz muito bom apurado,  
E vi que de muito povo  
Eu me achava acompanhado  
Alguns pediam-me esmolas,  
Então não me fiz rogado.

Uns quatrocentos mil réis  
Com os pobres distribuí.  
Não serve isto prá minh'alma,  
Porque esta eu já perdi,  
Mas serve prá os miseráveis  
Que estavam nus e eu os vesti.

Um oficial de justiça  
Escreveu, por mim ditado,  
Um pequeno telegrama  
Ao presidente do Estado:  
Já vê que a um homem assim  
Não se usa mandar recado.

No telegrama eu lhe disse  
Que abandonava a questão  
Da companhia inglesa,  
E depois pedi-lhe, então,  
Que ele a força federal  
Retirasse do sertão.

As onze horas da noite  
Retirei-me de Pilar,  
Sem que se dessem conflitos,  
Não achei com quem brigar,  
Conseguindo pôr-me ao fresco  
Sem ninguém me incomodar.

Em dias do mês de abril,  
Na vila de Cabaceiras  
Ataquei um fazendeiro;  
Porém com boas maneiras,  
Seis contos de réis passei  
Para as minhas algibeiras...

No dia quatro de maio,  
Em o lugar Cachoeira  
De Caruaru, matei  
Pedro e Antonio Ferreira,  
E na povoação Mandaçaia  
Fiz um ataque de primeira.

Veio o capitão Narciso  
— Homem que honra o seu  
Igalão —

Com cem praças escolhidos  
Do quatorze batalhão,  
Aliado ao Vinte e Sete,  
Perseguir-me no sertão.

No dia treze de maio,  
Em Bocondó eu estava,  
Quando a força do Exército  
Que em minha pista marchava,  
Deu-me alguns tiros, julgando  
Que dessa vez me matava.



Quando eles romperam fogo  
Saltamos para o terreiro;  
Então nos primeiros tiros  
Eu vi um meu companheiro  
Cair crivado de balas:  
Era o Sebastião Bicheiro.

No tiroteio uma bala  
Arrancou-me a cartucheira;  
Conheci logo que a tropa  
Ocupava uma trincheira;  
Então fugi com os meus...  
E a tropa voltou inteira.

Na Fazenda Muribeca,  
Duas surras mandei dar,  
Em dois cabras da fazenda  
Que se quiseram armar  
Contra os meus companheiros,  
Que os souberam castigar.

Em dias do mês de julho,  
Eu passei em Gameleira,  
Que fica perto do Ingá.  
Como ia na quebradeira,  
O senhor Zuza da Mota  
Encheu a minha algibeira...

A onze do mesmo mês  
Eu em Machado passei,  
E do Sr. Manuel João  
Um conto de réis tomei:  
E na Vila de Natuba  
Dois contos arrecadei.

Matei um filho de Marcos,  
Que morava nos Pinhões,  
No princípio de setembro;  
Quis ele formar questões  
Comigo, porém passei-lhe  
De minh'arte umas lições.

A vinte e oito de setembro,  
Em S. José dos Cordeiros,  
Eu entrei com o meu grupo  
Composto de seis guerreiros;  
E ali de um velho usurário  
Nós fomos os dizimeiros.

O velho Vicente Magro  
Em S. José habitava,  
Dirigi-me à casa dele  
Dizendo-lhe que precisava  
De umas moedas de ouro  
Que ele enterradas guardava.

O velho, que era usurário,  
Disse que não conservava  
Esse dinheiro enterrado;  
Mas eu lhe disse onde estava  
E acrescentei que se ele  
Não m'o desse, eu o matava.

O velho, atemorizado,  
Arrancou essas moedas  
Que estavam enterradas  
Debaixo de umas pedras.  
Mas, para m'as entregar,  
Levou primeiro umas quedas.

Chegaram então dois rapazes  
Que eram do velho parentes  
E contra mim os dois tolos  
Se meteram a valentes...  
Vi-me obrigado a matar  
Um desses dois inocentes...

Um, eu matei a punhal,  
O outro, menos caipora,  
Comrou veado e fugiu  
Danado de porta a fora.  
Dei-lhe um tiro prá espantá-lo  
E deixei-o ir embora.

De novecentos e nove  
Estive, a dois de fevereiro,  
Bem perto de Serraria,  
Em casa de um fazendeiro  
De nome Alfredo Chianca,  
Homem valente e guerreiro!

Então Alfredo Chianca  
Vinte vezes me atirou  
E acabando a munição,  
Da casa a porta trancou;  
Arrombei-lhe uma janela  
E ele a mim se entregou.



Fui a dez do mês de abril  
 Visitar meu inimigo,  
 Um tal Manuel Tavares:  
 Queria dar-lhe um castigo,  
 Mas ele fugiu ao ver-me,  
 Não quis se entender comigo.

Residia em Poçinhos,  
 Esse que fui visitar;  
 Só encontrei sua esposa,  
 Por quem mandei avisar  
 Que só lhe dava três dias  
 Prá ele dali se mudar.

— Hoje de muito dinheiro,  
 Então eu disse, preciso!  
 Depois de a Manuel Tavares  
 Eu ter dado um prejuízo,  
 Ataquei Francisco Afonso,  
 Pretendi deixá-lo "liso".

O velho Francisco Afonso,  
 Que é "caipira" verdadeiro,  
 Me disse: — Eu não tenho um  
 [réis!

E eu lhe disse: — O cavalheiro  
 Pagará com uma surra...  
 Nisto, ele deu-me o dinheiro.

Então no dia seguinte,  
 Quando eu deixei esses lares,  
 Ao arame telegráfico  
 Cortei em cinco lugares:  
 Fiz na linha o que não pude  
 Fazer com Manuel Tavares!

Meia légua mais ou menos  
 Distante do povoado  
 De nome Pedro Lavrada,  
 De serras num apertado,  
 Com meu povo entrincheirei-  
 [-me,

Estando bem municiado.

Eram dez horas do dia  
 Quando eu a tropa avistei;  
 No alferes Joaquim Henriques  
 O primeiro tiro dei,  
 E por não querer matá-lo  
 Apenas o baleei.

Nisto, meu grupo que estava  
 Comigo, entrincheirado,  
 Também atirou na tropa;  
 Feriu uma bala um soldado,  
 Não o matou mas deixou-o  
 Prá toda a vida aleijado!

Um cabo também saiu  
 Com a perna baleada;  
 Deu-nos a tropa alguns tiros,  
 Porém, ao ver-se cercada,  
 Fez como eu já tenho feito:  
 Deu uma carreira danada...

Joaquim Henriques os feridos  
 Para Campina levou;  
 Mas o alferes Maurício,  
 Que com ele se encontrou,  
 Prosseguiu na minha pista...  
 Com três dias me alcançou.

Com uma légua de distância  
 Da povoação Periquito,  
 Encontrei-me com Maurício  
 Em um lugar esquisito;  
 Dessa vez não pegaram  
 Porque sou muito perito!

A tropa estava escondida  
 Dentro do mato, almoçando,  
 Quando eu vinha distraído,  
 Com dois homens conversando;  
 Pegaram a meter-me "duchas"  
 E quase me iam matando!

Nem ao menos tive tempo  
 De um tiro só disparar,  
 Pois se eu perdesse um minuto  
 Não me podia salvar,  
 E por não ir prevenido  
 Resolvi-me retirar...

Foi a dezoito de abril  
 Que eu estava no Juá,  
 Fazenda pouco distante  
 Da vila Taperoá,  
 Quando um correio caipora  
 Ia passando por lá.

Era ele o João Domingos,  
De três malas portador;  
Tomei-lhe as malas e abri-as,  
Achei cartas com valor  
Em dinheiro e deste eu fiz-me  
No mesmo instante senhor!

Alguém ainda pediu-me  
Prá as cartas eu não romper,  
Porém, a esses pedidos  
Resolvi não atender,  
Prá não perder o ensejo  
De ao governo ofender.

Eu sei que governo paga  
Qualquer quantia avultada  
Que o agente ou estafeta,  
Deixa ser extraviada,  
Por isso a correspondência  
Fora por mim violada.

Não ofendi ao correio,  
Por ele não merecer,  
É um simples empregado,  
Que cumpre com o seu dever,  
E mesmo, a quem não me  
[ofende,  
Eu não gosto de ofender.

Abri as malas somente  
Prá do governo vingar-me,  
E também prá do dinheiro  
Que eu encontrasse, apossar-  
[-me;

Cento e quarenta mil réis  
Foi só o que pôde tocar-me.

Nas Zonas do Cariri  
Demorei-me um mês inteiro;  
A vinte e sete de maio,  
Maurício, o audaz guerreiro,  
Achou-me a pista e buscou-me  
Como quem busca dinheiro!

O alferes dividiu.  
A força que comandava,  
Em dois grupos de oito homens;  
A uma tropa guiava  
O sargento Zé do Couto;  
A outra ele comandava.

Dos soldados do alferes  
Um-era rastejador,  
E pôs-se a seguir-me a pista  
Qual perito caçador,  
Só não me alcançaram cedo  
Pois sou muito animador...

À vila de Soledade  
Eu segui em direção;  
Toda essa tarde seguiu-me  
A tropa em perseguição,  
Perderam à noite a pista  
Devido à escuridão.

Debaixo de um umbuzeiro  
A tropa se aquartelou,  
E ali toda essa noite  
Ela acordada passou;  
Que eu estava muito perto  
O alferes não suspeitou.

Quando a luz da madrugada  
Principiava a raiar  
Aproximei-me da tropa,  
Pude a observar,  
Mas eu nessa ocasião  
Não quis a ela enfrentar.

Então com os meus  
[companheiros,  
Ligeiros como quem voa,  
Fomos esperar a tropa  
Adiante numa lagoa;  
De uma cerca de pedra  
Fizemos trincheira boa.

Eram oito horas do dia  
Quando eu na trincheira entrei;  
A tropa demorou pouco...  
O primeiro que avistei  
Em frente à boca do rifle,  
Com um tiro o derrubei.

Era ele o tal soldado  
Que me ia rastejando;  
Caiu sem dar mais um passo!  
E os outros recuando...  
Nesse momento os meus cabras  
Foram os rifles disparando.

Ouvi fazer um soldado  
A Mauricio este convite:  
— Aleferes, atire logo  
Em Silvino a dinamite!  
Eu aos meus disse: — Fujamos,  
E ninguém se precipite!

Devido ao troar dos tiros  
Meu pessoal não me ouviu.  
O fogo estava cerrado...  
O alferes investiu:  
Atirei-lhe na cabeça  
E ele por terra caiu.

O alferes só teve tempo  
De três tiros disparar,  
A bomba de dinamite  
Não me conseguiu atirar,  
Porque eu o matei logo  
Antes dele me matar.

Um soldado ainda gritava:  
— Atirem logo essa bomba!  
Corri e gritei aos meus:  
— Corram que o diabo é quem  
[zomba

Da terrível dinamite,  
Que onde bate tudo tomba.

Seis minutos mais ou menos  
Depois que os tiros cessaram,  
Dois soldados corajosos  
Do alferes se aproximaram;  
Do dinheiro que levava  
Então logo se apossaram.

Voltei ao campo da luta  
Para ver quantos morreram,  
As praças que lá estavam,  
Quando me viram correrem  
Com tanta velocidade  
Creio que até se perderam.

Atirei-lhes ainda de longe  
E creio que a um baleei,  
Mas deixei-o ir embora,  
Dos mortos me aproximei  
E da bomba envenenada  
Logo ali me apoderei.

Eu guardei comigo a bomba  
Por ter dela precisão,  
Então os meus companheiros  
Nessa mesma ocasião,  
Carregaram dos dois mortos  
Fardos, rifles e munição.

Ao ver que já tinha morto  
Meu maior perseguidor,  
Senti o meu coração  
Possuído de rancor,  
Por ter dado a morte a um  
[homem  
Que me metia pavor!

De esmigalhar o cadáver  
Senti um desejo insano!  
E covarde e friamente  
Executei esse plano,  
Porque o meu coração  
Não tem mais nada de humano!

Com uma pedrada deixei-lhe  
A cabeça esfacelada,  
Depois mandei cada um  
Dos meus dar-lhe uma facada,  
Fiz tudo isso e não senti  
A minh'alma perturbada.

Sei que minh'alma já está  
Muito negra e empedernida,  
Porque cento e uma vez  
Tenho-me feito homicida.  
O crime hoje é a coisa  
Mais comum da minha vida.

Se eu não matasse Mauricio,  
Creio que ele me matava;  
Pois era o oficial  
De quem eu mais receava,  
A bomba que ele trazia  
Era o que mais me assombrava.

A bomba, essa eu guardei,  
Os papéis que encontrei,  
Como fossem do governo,  
Incendiá-los mandei,  
E sem encomendar outros,  
Da Barra me retirei.

Eu o fio do telégrafo  
 No mesmo dia cortei  
 Em dez ou doze lugares;  
 Depois avisar mandei  
 A polícia de Campina  
 E com os meus me ocultei...

Também estive em Serrinha  
 Onde ordenei a um soldado  
 Que o imposto de barreira  
 Por ele ali arrecadado,  
 Fosse só pela metade  
 Aos sertanejos cobrado.

Fui em junho a Maranguape  
 Aonde fui bem aceito;  
 Ali hospedei-me então  
 Na fazenda do prefeito;  
 Este deu-me um tratamento  
 Que me deixou satisfeito.

Pedi-me muito o prefeito  
 Para eu não ir à cidade;  
 Atendi o seu pedido  
 De muito boa vontade,  
 Pois com pessoas dali  
 Eu não tinha inimizado.

Então aos negociantes  
 Mandei logo um mensageiro  
 Com cartas minhas, pedindo  
 A todos algum dinheiro;  
 Mandaram-me o rico arame  
 Ninguém se fez de estradeiro.

Fui em setembro de mil  
 E novecentos e dez  
 A barra de S. Miguel  
 E lá espalhei os pés;  
 Matei, pedi e tomei  
 Quase três contos de réis.

Lá dois soldados quiseram  
 Comigo se arrelhar,  
 Porém eu matei um deles  
 E no outro mandei dar  
 Uma surra, e, no meu grupo  
 Fi-lo à força bruta entrar...

Então guiado por ele  
 Eu fui à Mesa de Rendas;  
 O dinheiro que achei lá  
 Mal deu para as encomendas;  
 Eu embolsei-o dizendo:  
 — Este é prá minhas merendas.

Na Mesa de Rendas todos  
 Bem perto de Soledade,  
 Eu consenti a meus cabras  
 Fazerem perversidade  
 Com a família dos Couto,  
 Com quem tenho inimizado.

Num irmão do Zé do Couto  
 Dar uma surra mandei.  
 E o compadre João de Banda  
 Dar na mãe dele deixei,  
 Do velho Couto um paiol  
 De algodão incendiei.

Foi esta a primeira vez  
 Que consenti espancar  
 Uma mulher, pois no velho  
 É que o compadre ia dar;  
 Não o achou, deu na velha  
 Prá viagem aproveitar.

Então ordenei à velha  
 Que com o marido repartisse  
 As pancadas que levou,  
 E ao Zé do Couto pedisse  
 Prá ele ir criar seus filhos  
 E comigo não bulisse.

No ano mil e novecentos  
 E onze, ainda brigado  
 Não tinha eu uma só vez,  
 Quando em abril fui cercado  
 Pelo alferes Ramalho,  
 Que me deu algum cuidado.

Foi no lugar São Mamede  
 Que esse encontro se deu;  
 Alguns jornais afirmaram  
 Que o meu grupo correu...  
 Foi erro; vou aos leitores  
 Contar o que aconteceu:

O alferes José Ramalho  
Julgou que eu era pixote,  
Atirou-me entrincheirado  
Porém deu errado o bote,  
Porque eu não sou arara:  
Me entrincheirei num serrote.

Ele atirou-me de longe  
E um tiroteio cerramos,  
Que durou mais de uma hora,  
Até que ambos esgotamos  
Toda a nossa munição,  
E depois, nos acalmamos.

Depois que a luta cessou,  
Esperei o resultado  
Que ficou por isso mesmo:  
A força tinha arribado,  
Notei então que um dos meus  
Tinha sido baleado.

No dia nove de agosto  
Assisti a um casamento  
Perto de Taperoá,  
Com grande contentamento  
Participei do banquete  
E de todo o divertimento...

A um padre que estava lá  
Assisti de confissão!  
Dispensei-o de rezar  
O ato de contrição:  
Limitou-se a responder-me  
O que lhe perguntei então.

Depois que o absolvi,  
Ordenei-lhe que guardasse  
Para mim algum arame;  
Para quando eu precisasse,  
Disse ele que ao meu dispor  
Estava, se eu o ocupasse.

Sai então da fazenda  
De Jocelino Vilar,  
E logo no dia seguinte  
Eu consegui me encontrar  
Com primo Antônio Godô,  
E juntos fomos andar...

No dia doze estivemos  
Na Passagem; lá cortei  
O arame telegráfico,  
Pois com este me intriguei,  
Porque ele é mexeriqueiro —  
Com prazer o estraguei.

Estive também a passeio  
Em São João do Sabugi,  
Conceição do Azevedo,  
Currais Novos e Araci;  
Fiz por lá boas colheitas  
E voltei pro Cariri.

Em Conceição do Azevedo  
A música me visitou,  
Dinheiro, buquês e baile  
O povo lá me ofertou;  
E ainda há gente que diga  
Que ao Rio Grande não vou?!

A vinte e quatro de agosto,  
Da Viração muito perto,  
O alferes João Facundo  
Num lugar pouco deserto  
Emboscou-me, porém eu  
Fui mais do que ele esperto!

Eu vi a tropa emboscada  
Então desviei-me dela,  
E num boqueirão da serra  
Tocaiei-a com cautela;  
Voltou a tropa e mas tarde  
Caiu na minha esparrela.

Quando a força se chegou  
Nove tiros lhe enviei,  
E nesse mesmo momento  
Ao alferes então gritei:  
— Se não correr, comandante,  
Sua tropa arrasarei!

Quis o alferes resistir-nos,  
Porém viu logo ali feridos  
Caírem quatro soldados;  
Todos soltando gemidos  
Diziam: — Se não correremos,  
Matam-nos esses bandidos!

A tropa ainda me atirou,  
 Mas pôs-se logo a fugir;  
 Eu também não esperei  
 Que outra pudesse vir,  
 E pus-me ao fresco; os feridos  
 Resolvi não perseguir...

Na noite do mesmo dia,  
 Encontrei um conhecido  
 Que me procurou abraçar;  
 Mas eu me fiz distraído,  
 E dei-lhe tão grande tapa  
 Que o deixei no chão caído!

Poucos dias depois disto  
 Com a polícia me encontrei;  
 Trocamos ainda alguns tiros  
 Mas eu a ninguém matei,  
 E tendo enganado a tropa  
 Prá longe me retirei.

Em novembro, em Macapá,  
 Fui visitar Manuel Belo,  
 Mas como não o encontrei  
 Para entrarmos em duelo,  
 Deixei-lhe a casa queimada  
 E o mobiliário em farelo.

Ao chegar em Macapá  
 Só o genro dele achei;  
 Deu-me este a chave do cofre,  
 E o que dentro encontrei  
 Foi uns dez contos de réis.  
 Desses, então me apossei.

O Manuel Belo movia  
 Contra mim perseguição...  
 Por isso queimei-lhe a loja  
 E um vapor de algodão;  
 Dei-lhe mais um recado:  
 Que não esperasse perdão!

Dias depois eu estive  
 Na povoação de Serrinha,  
 Passei na Vila Pilar,  
 Onde a terra é quase minha,  
 E depois fui ocultar-me  
 Em lugar que me convinha...

De novecentos e doze  
 Em maio, no alto sertão,  
 No lugar Riacho Seco  
 Eu tive o ensejo então  
 De encontrar meu inimigo  
 O negro Antonio Carão.

Esse negro a um meu parente  
 Havia assassinado,  
 Simplesmente prá roubar,  
 E por ser meu intrigado,  
 Matei-o à bala e por mim  
 Foi seu corpo queimado!

Dei-lhe dois tiros, deixando-o  
 Muito ferido no chão.  
 Fiz por cima do seu corpo  
 Uma coivara, e então  
 Ateei fogo e deixei-o  
 Virado em cinza e carvão.

No dia sete de junho,  
 Em Santa Luzia entrei  
 E então dos negociantes  
 Uns trinta contos levei,  
 E no capitão Aristides  
 Uma grande surra dei!

Há uns dez anos jurei  
 De Aristides me vingar,  
 Porque dois cabras meus foram  
 A polícia se entregar,  
 E ele os mandou na cadeia  
 De fome e sede matar.

Prometi dar-lhe uma surra  
 E a promessa cumpri,  
 E então a sua família  
 Dessa vez eu persegui —  
 De alguns levei dinheiro,  
 De outros os bens destruí.

Fui à vila de Afogados  
 De Ingazeira, onde nasci,  
 E uns nove contos de réis  
 Naquela vila colhi!  
 Mas o Desidério Ramos  
 Por caiporismo não vi.

Parei perto de Monteiro,  
Estive na povoação  
De Jabotá e, em Queimadas,  
Fiz boa arrecadação;  
De Santa Cruz uns dois contos  
De réis, consegui então.

A quinze do mês de julho,  
Eu fui à Santa Maria,  
E os moradores de lá  
Julgando que eu corria,  
Deram-me uns tiros, mas eu  
Reagi como devia.

Com poucas horas de fogo,  
Os cabras esmoreceram,  
Acabaram o tiroteio  
E para o mato correram...  
Eu tomei conta da rua  
E todos ali sofreram!

Incendiei quatro casas  
E dei de peia a valer!  
Deixei diversos feridos,  
Só não fiz nenhum morrer,  
Porque eles correram logo,  
E quem corre quer viver...

Fui ao Engenho Filgueiras  
Do major João Florentino;  
Ele outrora perseguiu-me  
E eu fui dar-lhe um ensino,  
Prá ele saber que só Deus  
Matará Antônio Silvino.

Carquei-lhe a casa, mas ele  
Fiz se meter a guerreiro.  
Brigamos mais duma hora,  
Matou-me ele um cangaceiro,  
Matei-lhe outro e ele ferido  
Foi para o Limoeiro.

Logo que o major fugiu,  
Do engenho me apossei,  
Recolhi todo o dinheiro  
Depois as casas queimei:  
Cinquenta contos de réis  
De prejuízo lhe dei.

Paguei a um camarada  
Para o meu cabra enterrar,  
E voltei à Paraíba  
Perto da Vila Pilar,  
Demorei-me, decidido  
A alguns dias descansar.

As malas de um correio  
Perto de Patos tomei,  
E toda a correspondência  
Que ele trazia, queimei,  
Foi essa a terceira vez  
Que esse crime pratiquei.

Das Espinharas, da Serra  
Das Preacas, eu estava  
Em uma furna, era noite,  
Ali, dormindo, eu sonhava  
Que o espirito de Maurício  
De surpresa me atacava.

Dizia-me: — Silvino,  
Prepara-te para lutar.  
O que fizeste comigo,  
Agora me vais pagar,  
Visto os vivos não quererem  
A minha sorte vingar.

Ergui-me sobressaltado  
E um tiro disparei  
Contra o fantasma e, então,  
Muito ligeiro acordei;  
Cuvindo um grande rugido  
Quase assombrado fiquei.

Esse rugido abalou  
Até o mais fundo reconco  
Da furna; a serra tremeu  
Desde a cimo até o tronco;  
Percebi rapidamente  
Que de uma onça era o ronco!

Então atirei na fera  
Que sobre mim se lançou  
E deu um tapa no rifle  
Que distante o atirou,  
E ouvindo o estampido  
Mais assanhada ficou!

Dei um pulo para trás  
E da pistola puxei,  
Porém no mesmo momento  
Que um tiro lhe disparei,  
Deu ela na arma outro tapa,  
E desarmado me achei!

Felizmente nessa gruta  
Entrava a luz do luar  
E o solo era espaçoso...  
Continuei a pular,  
Me desviando da fera  
Que me tentava agarrar!

Num desses saltos eu pude  
Puxar da cinta o punhal,  
E apertei-o na mão  
Com uma ira infernal,  
Dizendo: — Se eu não morrer,  
Mato este audaz animal!

A onça era tão ligeira  
Como de um raio o clarão!  
Eu não voava, porém  
Mal sentava os pés no chão!  
Compreendi que em matá-la  
Estava a minha salvação.

E quando a fera avançou  
De arma em punho a esperei,  
E então ao pé da goela  
Tal punhalada lhe dei,  
Que o punhal, enterrado,  
Dentro dela abandonei.

Ela em minha mão esquerda  
Deu uma grande dentada,  
E onde passou as unhas  
Deixou-me a pele esfolada;  
Só me feriu no momento  
Em que lhe dei a punhalada...

A onça, ao ver-se ferida,  
Um enorme salto deu,  
Rugindo com tanta força,  
Que a serra estremeceu.  
Então por sobre o lajeado  
O corpo em cheio estendeu...

Enraivecida, rugindo,  
Tentava se levantar,  
Procurando em vão com os  
[identes  
A arma do peito arrancar,  
E eu, desarmado, temia  
Que ela voltasse a lutar!

Quando a fera se aquietou,  
Da gruta me retirei,  
E todo o rosto da noite  
Noutra furna repousei.  
Somente pela manhã  
Meus companheiros busquei.

E reunido ao meu grupo,  
Nessa furna penetramos;  
A onça morta a um canto  
Logo ao entrar encontramos:  
Minha pistola e meu rifle  
Ambos quebrados achamos.

Vi que no peito da fera  
O punhal estava enterrado  
E reparei que o meu rifle  
Tinha o coice esfacelado!  
A pistola achei-a longe,  
Com o gatilho quebrado.

Então do peito da onça  
O meu punhal arranquei,  
E o sangue que o ensopava  
Logo em um lenço limpei.  
Depois, com muito cuidado,  
Eu a onça examinei...

Era uma onça pintada,  
De formas desconhadas  
Os dentes pontegudos,  
Unhas longas, desiguais;  
Tinha os músculos dianteiros  
Mais grossos que os demais.

Retiramo-nos da gruta,  
E minhas feridas curei.  
Consertar as minhas armas  
Por um ferreiro mandei  
E junto aos meus companheiros  
Outras zonas procurei.

No Rio Grande do Norte,  
Com a policia me encontrei,  
E com o comandante desta  
Então conferenciei...  
E para pagar cerveja  
A ele logo intimei.

O major Seabra jurou  
Comigo não intervir,  
Eu também lhe garantia  
Com os dele não bulir,  
Pois eu só mato soldado  
Que me anda a perseguir.

De novecentos e treze,  
Eu em janeiro cheguei  
A Cachoeira dos Guedes,  
E do Rufino levei  
Dois contos; e um telegrama  
Para a Capital passei.

As altas autoridades  
Nesse telegrama eu disse  
Que só pretendo morrer  
Em adiantada velhice,  
E que elas, me perseguindo,  
Cometem grande tolice!

A força que acompanhava  
O alferes Irineu  
Encontrou-me em Soledade  
E alguns tiros me deu,  
Mas, fugi, por estar na casa  
De um velho amigo meu.

Em Lagoa do Remigio  
Fui à agência do correio.  
Botei prá fora o agente,  
Somente porque era feio;  
Tomei-lhe o cobre dos selos  
E contra mim ninguém veio.

Uma vez dono da agência,  
Dei logo um expediente  
E avisei ao diretor  
Que ali eu era o agente,  
E que todo o apurado  
Tocaria a mim somente!

Então de um negociante  
Comprei muita munição;  
Arranjei muito dinheiro  
Depois da arrecadação,  
Ao povo da Serraria  
Fui passar uma lição.

Perto da Vila hospedei-me;  
Veio ali me visitar  
O major Antônio Bento,  
Que logo mandou chamar  
O delegado, e este foi  
Meu imposto arrecadar!

Eu estava no Ingá,  
Na casa dum camarada,  
Quando inopinadamente  
A fazenda foi cercada  
Por soldados de Policia,  
Que não arranjam nada...

Porque com muita cautela  
Resolvi me retirar  
Da fazenda, pois não quis  
Contra a polícia atirar.  
Nesse dia eu não tinha  
Disposição de matar.

Há muito que procurava  
Encontrar um valentão,  
Que para lutar comigo  
Tivesse disposição;  
E de achar esse duro  
Tive um dia ocasião.

Perto de Brejo de Areia,  
A quatro de fevereiro  
De novecentos e nove,  
Encontrei esse guerreiro  
Que não me matou porque  
Me vali de Deus primeiro.

Era um sujeito mestiço,  
De cabelos afogueados,  
Os dentes muito amarelos,  
Beijos grossos e rachados;  
Pés chatos e mãos compridas,  
Olhos grandes e encarnados.

Conheci que esse cabra  
Era mau de profissão,  
Então para dar-lhe uma sova  
Me pediu o coração;  
E eu quis me certificar  
Se o cabra era valentão.

Gritei-lhe: — Cabra, quem és?  
De onde vens e para onde vais?  
Disse-me o cabra: — Meu nome  
É Diabo ou Satanás;  
Venho do inferno e contigo  
Vou lutar ou fazer paz!

— Vens comigo fazer paz?  
E eu pedi-te essa aliança?  
— Não pediu, mas pode ter  
Em mim toda a confiança...  
Respondi-lhe: — De salvar-me  
Ainda eu tenho esperança.

Disse-me o diabo: — E esperas  
Ainda por salvação?  
Te esqueces que fazer crimes  
É só a tua profissão?  
Respondi: — E não se salvou  
Da Bíblia o Bom Ladrão?

— Se esse Dimas se salvou  
É porque amava a Deus,  
Mas tu és um inimigo  
Dos dez mandamentos seus!  
E eu perguntei: — E você  
Conhece os intuitos meus?

Disse-me o diabo: — Eu bem sei  
Que é funesto o teu destino:  
És traidor, és perverso,  
És ladrão e assassino!  
O teu fim será o inferno:  
Irás comigo, Silvino!...

Quando eu ouvi o diabo  
Estas frases proferir,  
Respondi-lhe: — Prá que  
[inferno]  
Contigo eu não hei de ir!  
Disse-me ele: — Isso agora  
Havemos de decidir!

— Para decidirmos isso,  
Lutarmos muito é preciso...  
E dito isto disparei-lhe  
Um tiro de improviso.  
O diabo aparou a bala  
E disse com ar de riso:

— Ah! Não me atires, porque  
Com balas tu não me ofendes!  
E acrescentou: — A certeza  
Eu tenho de que te rendes.  
Se prolongares a luta,  
Eu juro que te arrependes!

— Render-me? Nunca! E o rifle  
Vinte vezes disparei...  
E presumo que os tiros  
Todos no diabo acertei,  
Mas este, aparando as balas,  
Deu-mas quando eu terminei.

Então conheci que a bala  
Para o diabo não se fez:  
E manejando o punhal  
Vibrei-lhe com rapidez  
No peito uma punhalada,  
Mas errei inda uma vez!

Dei-lhe ainda muitos golpes,  
Julgando que o matava,  
Mas todos foram perdidos  
Porque a arma não o furava:  
O punhal batia nele  
E envergado ficava!

Lutamos uns dez minutos...  
Então eu compreendi  
Que não vencia ao diabo,  
Porém, não esmoreci!  
E quando me vi perdido,  
Logo de Deus me vali...

Dizia o diabo sorrindo:  
— Levo-te sempre comigo;  
É melhor ficares manso,  
Que te terei como amigo!  
Então eu disse: — Meu Deus,  
Livrai-me deste inimigo!

Vi que lutando, morria;  
Eu a rezar me dispus:  
Então me ajoelhei  
E rezei o credo em cruz,  
E disse: — Eu te esconjuro,  
Diabo! Em nome de Jesus!

Quando eu me persignei,  
Prá longe o diabo correu  
E disse: — Falar em Deus,  
Foi isso o que te valeu.  
Mas de outra vez voltarei,  
Serás companheiro meu!

Depois fiz paz com o diabo,  
E hoje em dia ele me segue;  
E já não temo que o mesmo  
Para o inferno me carregue.  
Eu só não quero é que um dia  
Ele à policia me entregue.

Deus, que tinha eu no mundo,  
Para um instrumento seu,  
Já havia decretado  
Tudo quanto aconteceu  
Comigo, depois desse dia  
Tirou o prestígio meu!

A dezoito de novembro,  
Eu em Pocinhos cheguei;  
Que o padre Antônio Galdino  
Me desse um jantar, mandei;  
E que me servisse à mesa  
Ao mesmo padre obriguei.

Quando eu me retirei, o padre  
Lançou-me a excomunhão,  
Missa de corpo presente  
Como em minha intenção.  
Na noite do mesmo dia  
Me apareceu uma visão.





Dois dias e uma noite,  
Eu passei encarcerado  
Na cadeia da cidade,  
Sendo muito visitado;  
A vinte e nove já eu  
Me sentia melhorado.

No dia trinta bem cedo  
Em um burro me montaram,  
E para Caruaru  
Os soldados me levaram,  
Mais de duzentas pessoas  
Na estrada nos encontraram.

Chegando em Caruaru,  
Cinco horas descansamos;  
As duas da madrugada  
Para o Recife embarcamos,  
As sete horas do dia  
Nessa Capital chegamos.

Por médicos e enfermeiros,  
Vim no trem acompanhado.  
O Dr. Chefe de Polícia  
Também se achava a meu lado,  
Tratamento de primeira  
Foi sempre a mim dispensado.

Mais de duas mil pessoas  
Me esperavam na estação,  
E me olhavam confusas  
Com muita admiração.  
Grande massa acompanhou-me  
A Casa de Detenção.

A bala que me feriu  
Pelas costas penetrou,  
Saiu no peito direito  
E o pulmão me afetou:  
Mas só prostrou-me porque  
A cardite me atacou.

Os médicos já conseguiram  
Meus ferimentos curar...  
O resto da minha vida,  
Vou na prisão descansar,  
Porque dos crimes que tenho  
Não espero me livrar.

Já me confessei a um frade,  
Mas não estou regenerado,  
Acho-me muito abatido  
E estou desequilibrado;  
Agora com o suicídio  
Eu vivo impressionado.

Somente à fatalidade  
Eu devo a minha prisão,  
Pois todos sabem que eu era  
Um indomável leão!  
E nem eu sei porque foi  
Que me entreguei à prisão.

Não me prenderam, entreguei-  
[-me,

Porque fui impulsionado  
Pelo destino talvez!  
Vi-me ferido e roubado,  
Vim morar nesta prisão,  
Cumprir a lei do meu fado.

## O MEU JULGAMENTO

Fazia vinte e um meses  
Que eu me achava na prisão;  
Já estava mais robusto  
E completamente são,  
Quando fui levado à Olinda  
Para ser julgado então.

Foi em mil e novecentos  
E dezesses bem me lembro:  
Começou o meu julgamento  
No princípio de setembro,  
Estava reunido o júri  
Sem que faltasse um só  
[membro.

Presidiu meu julgamento  
O Dr. César Godim,  
O qual foi pelo governo  
Escolhido prá esse fim;  
Não sendo ele meu amigo,  
Podia julgar a mim.

Foi o meu advogado  
Dr. Adolfo Simões;  
Esse ilustre bacharel,  
Com suas aptidões,  
Provou que eu tive razão  
Em dominar os sertões.

O Dr. Pedro Caú  
Serviu como promotor,  
Como órgão da Justiça  
Foi o meu acusador,  
Quis esse dar aos meus crimes  
Maior vulto e mais horror.

Disse o juiz de Direito:  
— Queira o réu me responder  
Se sabe porque está preso,  
Porque julgado vai ser;  
Podê também alegar  
Razões prá se defender.

Respondi-lhe: — Sr. Juiz,  
Porque estou preso bem sei,  
Pois vim pagar na prisão  
Os crimes que pratiquei;  
Razões prá me defender...  
Algumas alegarei.

— Concedo ao réu a palavra,  
Para ele se explicar;  
Dizendo quais as razões  
Que teve para matar,  
E em que lei encontrou  
O direito de saquear.

— Senhor juiz, eu criel-me  
Como um sertanejo honrado,  
Vivendo do meu trabalho  
Sem a ninguém ser pesado.  
Quando atingi dezoito anos  
Vi meu pai assassinado.

Os que mataram meu pai  
Em vez de perseguição  
Da policia do lugar  
Tiveram foi proteção,  
Então resolvi matá-los  
E acho que com razão.

Depois dos primeiros crimes,  
Vi-me logo perseguido;  
Fui obrigado a viver  
Nas montanhas escondido.  
A lei da necessidade  
Obrigou-me a ser bandido.

Disse o juiz: — Estou ciente,  
Vejo que teve razão  
De se fazer criminoso.  
E mandou que o escrivão  
Iniciasse a leitura  
Do meu processo em questão.

Leu o escrivão o processo,  
Todo arbitrário e ilegal.  
Depois fez-me o promotor  
Uma acusação verbal:  
Disse que eu como bandido  
Era o gênio do mal.

Disse: — Senhores jurados,  
Este é o Antônio Silvino,  
Que matava no sertão  
Homem, mulher e menino,  
Era ladrão e malvado,  
Desonrador o assassino!

Durante bem doze anos,  
Foi o terror dos sertões,  
Assombravam a todo o mundo  
As suas depredações.  
São de homem desabusado  
Todas as suas ações.

Confio em que os jurados,  
Que são homens conscientes,  
Dêem o máximo da pena  
Que é o prêmio dos delinquentes  
A essa fera humana,  
Assassina de inocentes.

Falou meu advogado,  
Replicando ao promotor,  
Provando que eu nunca fui  
De inocentes matador;  
Sempre respeitei a honra  
E nunca fui salteador.

Disse que eu sempre matei  
Todos que me perseguiram,  
Que nas vilas do sertão  
Com festas me recebiam,  
E o que eu tomava dos ricos  
Dava aos que me pediam.

E disse que eu no sertão  
Nunca de ninguém roubei,  
Aos conhecidos pedi,  
Dos governantes tomei;  
Somente dos inimigos  
As casas incendiei.

Findando o advogado  
Sua bela alocução,  
Pedi aos doze jurados  
Que votassem meu perdão,  
Provando que eu era vítima  
De uma vil perseguição.

Calou-se o advogado  
E o júri se recolheu.  
Quando o grupo de jurados  
Na sala reapareceu,  
O Dr. Juiz de Direito  
A minha sentença leu.

Trinta anos de prisão  
Fui eu então condenado.  
Anular esta sentença  
Não pôde o advogado;  
Voltei para a Detenção  
Um pouco contrariado.

Porém, já resignei-me  
A cumprir minha sentença,  
Pois quem mata o semelhante  
Não vê de Deus a presença;  
A prisão é dos criminosos,  
A legítima recompensa.

Hoje estou arrependido  
De ter sido um delinquentes;  
Já me ofereci ao governo  
Prá ir prá linha de frente  
Dar combate aos alemães,  
E morrer como valente.

# A MAIOR GARGALHADA DO MUNDO

é a que  
voce vai  
dar com  
os gozadissimos  
livros



## Titulos Publicados:

PIADAS DE LOUCOS  
PIADAS DE PESCADORES  
PIADAS DE PAPAGAIO  
PIADAS DE BÊBADOS  
BOCAGE PARA  
MAIORES DE 18 ANOS

PAIS QUADRADOS E  
FILHOS REDONDOS  
PIADAS DE VEADOS  
E OUTROS BICHOS  
PIADAS DE  
BICHAS & BICHOS